

cultura&informação
A REVISTA DO SABIN

2º trimestre letivo 2015 – ano XXI – nº 61

Porque nem tudo se aprende na escola

Uma exposição sobre a obra de conhecido quadrinista argentino, outra sobre história e diversidade da tipografia. Um domingo no parque com orquestra sinfônica, oficinas de apreciação musical e de confecção de instrumentos. Espetáculos de teatro infantojuvenil premiados, apresentados ao ar livre. Assim tem sido o Projeto Cultura na Rua (www.culturanaRua2015.com.br), iniciativa dos Colégios Albert Sabin, AB Sabin e Vital Brazil, que, de agosto até 25 de outubro de 2015, vêm apoiando eventos diversos e gratuitos para todo tipo de público, em espaços culturais e parques da cidade de São Paulo.

Mas o que esses eventos têm em comum, além do apoio dos três colégios? A resposta guarda a razão de termos concebido o projeto em primeiro lugar: são, todos eles, espaços de aprendizado.

Para além de cada evento específico, com o Cultura na Rua, Sabin, AB Sabin e Vital Brazil buscaram transmitir uma mensagem, compartilhar uma ideia sobre educação, valorização da cultura e do ambiente urbano que, acreditamos, merece ser reforçada. É a ideia de que a educação não se encerra na escola, de que “viver a cidade” é parte da formação dos cidadãos, que não pode ser esquecida.

Se educar é apresentar ao estudante o mundo, o meio social no qual ele vive, a escola – um ambiente seguro, controlado, relativamente homogêneo – não pode ser o

seu único contato com o mundo. É na diversidade de paisagens, de grupos humanos, de histórias de vida e de valores, é no encontro com milhões de Outros que o estudante tem seus saberes desafiados ou consolidados, seus horizontes inevitavelmente ampliados. A escola não pode ser bolha, mas trampolim para o mundo.

Foi assim que concebemos o Projeto Cultura na Rua, como incentivo a alunos e familiares, para que redescubram a cidade de São Paulo e tudo o que ela tem a ensinar. Os eventos apoiados seguiram o critério da diversidade: buscamos fugir do lugar-comum, com escolhas como as exposições “Macanudo”, do quadrinista argentino Liniers, e “Caixa de Letras”, de curadoria do designer gráfico Henrique Nardi (que ainda nos deu a honra de capacitar nossas professoras de Arte para desenvolverem uma oficina de tipografia com nossos alunos). Também aproveitamos a oportunidade de contribuir para divulgar o trabalho do Projeto Guri, que promove educação musical para jovens em situação de vulnerabilidade econômica, e das companhias teatrais Rodamoinho, Viradalata e grupo Le Plat du Jour.

Poderiam ser muitos outros mais exemplos. Mas, se a cidade é uma escola, ela não fecha as portas com o fim do Projeto Cultura na Rua. Pelo contrário: o aprendizado está só começando.



Adriana Vaccari
Gerente de Marketing
avaccari@albertsabin.com.br



Ritos de passagem

Revista do Sabin,
2º trimestre
letivo 2015
ano XXI – nº 61
Na foto: Carolina
Numata Pereira,
Camila Zeraik e
Murilo Souza Ohl,
1ª série do
Ensino Médio

4+5



+ Conversa Paralela
Por uma relação saudável com a tecnologia

6+7



+ Educação Infantil
Como é feita a avaliação dos alunos na Educação Infantil

8+9



+ Ensino Fundamental II
Diálogo e compreensão ajudam pais e filhos a atravessar a adolescência

10+11



+ Ensino Médio
Saídas pedagógicas e a importância dos estudos do meio

12+13



+ Equipe Pedagógica
Professores atualizam práticas e ideias em cursos de formação continuada

14



+ Idiomas
Ex-alunos falam da importância dos certificados de Cambridge

15



+ Esportes & Cultura
Aluna do 9º ano fala sobre o prazer de participar da Oficina de Arte

16



+ Encantamento
D. Heloísa e as lições de solidariedade da Recicla Butantã

17



+ Diagrama
O Sabin em números

18+19



+ Livre Expressão
Alunos refletem: a internet nos torna mais intolerantes?

20



+ Criar Oportunidades
A história de inclusão da Associação Pestalozzi Osasco

EXPEDIENTE

A Revista do Sabin é um órgão de comunicação dos Colégios Albert Sabin e AB Sabin.

Colégio Albert Sabin. Av. Darcy Reis, 1.901, Parque dos Príncipes, São Paulo/SP – (11) 3712.0713 – www.albertsabin.com.br –
Colégio AB Sabin. Av. Martin Luther King, 2.266/2.280, São Francisco, São Paulo/SP – (11) 3716.5666 – www.absabin.com.br –
Mantenedores: Gisvaldo de Godoi, Neusa A. Marques de Godoi, Cristina Godoi de Souza Lima **Direção pedagógica:** Giselle Magnossão (Albert Sabin), Mônica Mazzo (AB Sabin) **Direção administrativa:** Fernando A. Mello **Marketing:** Adriana Vaccari **Colaboradores:** Áurea Bazzi, Denise Araújo, Dionéia Menin, Giselle Magnossão, Laércio Carrer, Mônica Mazzo **Projeto e coordenação editorial:** Bandeira 2 Comunicação Ltda. **Jornalista responsável:** Alexandre Bandeira (MTb 49.431) **Designer:** Giovanna Angerami **Ilustrador convidado:** Osiel Nascimento (p. 8) **Fotografias:** Leandro Martins **Revisão:** Adriana Duarte, Denise Aparecida Masson **Produção gráfica:** Ricardo Gomes Moisés **Impressão:** Flor de Acácia – 5.000 exemplares. **Distribuição gratuita. 2º trimestre letivo 2015.**





Daniel Spritzer, psiquiatra, fundador e coordenador do Geat (Grupo de Estudos sobre Adições Tecnológicas)

Vícios eletrônicos

EM DEZEMBRO DE 2014, UM ESTUDO DA UNIVERSIDADE DE HONG KONG COMPILOU RESULTADOS DE 80 PESQUISAS, ABRANGENDO UM UNIVERSO DE QUASE 90 MIL PESSOAS ENTREVISTADAS EM 31 PAÍSES, PARA CHEGAR A UM NÚMERO PREOCUPANTE. CERCA DE 6% DAS PESSOAS MOSTRAVAM SINAIS DE DEPENDÊNCIA TECNOLÓGICA, O VÍCIO DE USAR CELULAR E COMPUTADORES SEM CONTROLE E DE PERMANECER CONECTADO O TEMPO TODO À INTERNET (REDES SOCIAIS, APLICATIVOS E GAMES). E OS JOVENS ERAM OS MAIS SUSCETÍVEIS AO VÍCIO. EMBORA O BRASIL NÃO TENHA FEITO PARTE DO ESTUDO, ESPECIALISTAS NO TEMA, QUE VEM CHAMANDO A ATENÇÃO DE PAIS E EDUCADORES, DUVIDAM QUE ESTEJAMOS LIVRES DO RISCO. PARA ENTENDER O FENÔMENO E, PRINCIPALMENTE, AJUDAR ADOLESCENTES E FAMILIARES A ENFRENTÁ-LO, EM 2006, UMA EQUIPE DE PROFISSIONAIS DE DIVERSAS ESPECIALIDADES FUNDOU, EM PORTO ALEGRE (RS), O GRUPO DE ESTUDOS SOBRE ADIÇÕES TECNOLÓGICAS (GEAT). É O QUE CONTA O PSQUIATRA DA INFÂNCIA E DA ADOLESCÊNCIA DANIEL SPRITZER, FUNDADOR E COORDENADOR DO GEAT, NESTA ENTREVISTA À REVISTA DO SABIN.

O que caracteriza a dependência de tecnologia?

Antes de responder, é importante entender que essa é uma área recente de estudos, que lida com um fenômeno mutante. A toda hora são lançados novos *games*, aplicativos, criadas novas tecnologias. Enfim, trata-se de um terreno novo, movido e em crescimento. Quanto à dependência, ela se estabelece quan-

do uma pessoa faz uso intensivo da tecnologia, quando isso se torna a prioridade da sua vida, e essa pessoa não consegue mais controlar esse impulso. Outro sinal claro surge quando o tempo que a pessoa passa conectada vai aumentando gradativamente, até ocupar praticamente todo o seu dia. Mas o sintoma mais claro do vício é o prejuízo que acarreta à vida.

Em crianças e jovens, quais são os sintomas clássicos?

Um dos primeiros sinais é a queda do desempenho escolar. A criança ou o jovem deixam de estudar, de fazer as lições para, por exemplo, jogar por mais tempo. Ou, então, ficam até tarde no computador, conectados, vão dormir de madrugada, descansam pouco e, no dia seguinte, não conseguem ficar atentos às aulas. Em geral, são os professores os que primeiro percebem que algo não vai bem.

Como o problema afeta as relações familiares?

Os conflitos se acirram, as discussões entre pais e filhos aumentam. Para não ficar longe do computador ou do celular, a criança não quer mais sair de casa, não quer viajar no fim de semana. A negociação quanto ao uso dos aparelhos vira fonte constante de atrito, e fica quase impossível estabelecer limites.

E socialmente, o que acontece?

Há tendência ao isolamento. E veja que curioso: quando os primeiros *video games* começaram a fazer sucesso, pesquisas mostravam que os jovens que mais jogavam eram os tipos mais extrovertidos, de muitos amigos. Hoje, quem joga compulsivamente é um solitário social. Há uma perda na qualidade dos relacionamentos. O garoto pode até ter muitos amigos nas redes sociais, mas, na maioria das vezes, trata-se de vínculos frágeis. E existem ainda questões de saúde acarretadas pela dependência: sedentarismo, problemas de postura, aumento de peso e consumo de comida calórica e pouco nutritiva, como salgadinhos e refrigerantes.

Como se pode evitar o vício em tecnologia?

A tecnologia está aí, todo mundo usa, ela traz inúmeros benefícios e, portanto, não faz sentido restringi-la. A questão é como nós, e nossos filhos, vamos nos relacionar com ela. É preciso encontrar o ponto de equilíbrio. Cada família vai estabelecer o seu, não existe uma regra acabada.

Qual é a solução para tratar da dependência?

É preciso procurar ajuda especializada, de psicólogo ou psiquiatra. Esses profissionais têm condições de confirmar a dependência. Porque a doença, em geral, não aparece isolada. Outras coisas não devem estar bem na vida do dependente. Ele pode sofrer de depressão, fobia social, hiperatividade, e a dependência servir, nesses casos, como escapismo ou mesmo como espécie de autotratamento.

O deprimido, por exemplo, muitas vezes procura excitação num *game*. Não existe medicação contra a dependência. O tratamento é feito em sessões de terapia, e seu sucesso vai depender do grau de motivação do paciente. Se ele não estiver motivado, em vez da terapia individual, pode ser mais interessante tentar uma terapia familiar.

Como ajudar os filhos a lidar de um jeito saudável com a tecnologia

DEMONSTRE INTERESSE. Conhecer os diversos aspectos da vida do seu filho fará com que se sinta à vontade para dialogar sobre o uso da tecnologia.

CONHEÇA O QUE ELE USA. Questione, jogue, acesse com seu filho. E não critique sem conhecer. Regras autoritárias e arbitrarias vão somente afastá-lo.

VOCÊ É O EXEMPLO. Pais são modelos de identificação dos filhos. A forma como você lida com a tecnologia é a principal fonte de informação deles. Por isso, se você não desgruda do celular...

REGRAS E LIMITES. Não existe modelo a seguir. Cada família deve encontrar seu ponto de equilíbrio, mas as combinações têm de ser claras, objetivas e coerentes.

CONVIVÊNCIA EM FAMÍLIA. É fundamental criar um espaço de convivência não mediado pela tecnologia. Refeições com todos juntos é um bom começo.

HORA DE DORMIR. Usar o computador antes de dormir dificulta o início do sono em razão do excesso de estímulos. A situação deve ser evitada.

QUESTÃO DE PRIVACIDADE. Conheça as redes sociais que seu filho usa e converse sobre o que deve ou não ser compartilhado. Explique sua preocupação com a integridade física e moral dele e da família.

GAMES VIOLENTOS. Agressividade é fenômeno complexo, muitos são os fatores que podem desencadeá-la. Se seu filho demonstra tendência ao comportamento agressivo, recomenda-se evitar *games* violentos e substituí-los pela prática de esportes.

Matizes do crescimento

A avaliação na Educação Infantil não é binária, com certo ou errado para tudo. É um processo.

Alexandra é aluna do Maternal¹. Participativa, é das mais ativas nas brincadeiras de faz de conta e nos jogos propostos pela professora. Também se dispõe a ajudar na organização dos materiais escolares, demonstrando personalidade cooperativa e respeito às regras de convivência.

Marcelo é aluno do Pré I. Nas aulas de Arte, mostra-se capaz de apropriar-se dos conceitos transmitidos pela professora e de aprimorar suas produções à medida que aprende novas técnicas. Também revela aptidão para a Educação Física, particularmente nas aulas de Nataçao, em que caminha e corre na piscina infantil sem auxílio e com desenvoltura.

Alexandra e Marcelo não sabem, mas estão sendo observados. O que para eles são brincadeiras, jogos, atividades lúdicas e divertidas, para suas professoras é o meio de determinar se eles estão se desenvolvendo conforme o esperado. Afinal, o fato de não se aplicarem provas na Educação Infantil não significa que não haja avaliação. Pelo contrário: na primeira etapa da vida escolar, toda atividade, roda de conversa, trabalho artístico, momento de descontração nas quadras ou na piscina, tudo, enfim, é planejado para estimular

e acompanhar o desenvolvimento das habilidades cognitivas, sociais e emocionais dos pequenos. “A avaliação é contínua”, diz Dionéia Menin, coordenadora da Educação Infantil do Sabin. “O tempo inteiro estamos observando os alunos, verificando se estão se desenvolvendo e atingindo os objetivos estabelecidos pelo plano pedagógico”. Trata-se de um trabalho constante e complexo. E que, desde o início de 2015, foi aperfeiçoado para se tornar ainda mais minucioso, mais objetivo e, também, mais claro para as famílias entenderem o processo e os critérios pelos quais seus filhos são avaliados.

Até 2014, os pais de alunos da Educação Infantil do Sabin e do Colégio AB Sabin recebiam, no fim de cada trimestre letivo, um relatório que narrava experiências vividas pelos filhos na escola. Embora cumprisse parte do objetivo de compartilhar com as famílias a evolução escolar dos alunos, o formato do relatório, em texto expositivo, tinha suas limitações. “Até por uma questão de extensão, optávamos por não abordar todos os elementos no relatório, definindo a pauta de cada trimestre com o que considerávamos mais relevante dividir com os pais”, diz Dionéia. “Em 2015, porém, demos um salto qualitativo”.

O novo relatório de desempenho individual, adotado pelos dois colégios, utiliza um sistema mais completo e detalhado. Cada disciplina ou componente curricular tem indicadores de desempenho discriminados em uma extensa tabela. São, literalmente, dezenas de indicadores avaliados por trimestre, como “acompanhar a leitura de textos lidos em voz alta” (Linguagem Oral e Escrita), “explorar objetos de diferentes formas, volumes e superfícies” (Matemática), “produzir sons por meio da utilização de instrumentos musicais diversos” (Educação Musical) ou “rolar em todas as direções possíveis” (Educação Física).

Assim, se no primeiro trimestre do Maternal a aluna Alexandra mostrava-se disposta a “participar de brincadeiras de faz de conta e jogos”, ainda não havia, entretanto, conseguido “explorar a própria voz para imitar personagens”. Já Marcelo, do Pré I, embora inquestionavelmente habilidoso, mostrava ainda alguma dificuldade para “tolerar frustrações” nas aulas de Arte ou de Educação Física, precisando da intervenção da professora para ajudá-lo no relacionamento com os colegas e com suas próprias emoções. Essas informações são apresentadas, no novo relatório, por meio de um código de cores, que determina se o aluno atingiu a expectativa, para o trimestre, relativa a cada indicador: verde (atingiu), azul (atingiu parcialmente), amarelo (atingiu com intervenção da professora), vermelho (não atingiu). Os benefícios do modelo são diversos.

Em primeiro lugar, estão a clareza e a objetividade. Se antes o relatório narrava várias atividades que o aluno havia

desempenhado no trimestre, sem especificar exatamente o que era esperado, o novo relatório indica precisamente quais as expectativas e em que medida elas foram atendidas.

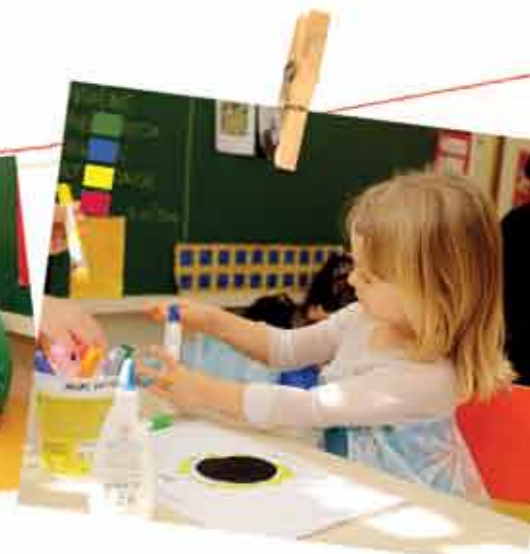
Em segundo lugar, o modelo torna evidente como a avaliação dos pequenos envolve nuances. “A avaliação na Educação Infantil nunca é binária: aprendeu ou não aprendeu, resposta certa ou errada. Ela é processual, e o sistema de cores reflete isso”, diz Mônica Mazzo, diretora do AB Sabin. “Se o aluno ainda não atingiu plenamente determinado indicador, ele está no processo de atingir. A aprendizagem é mais como percorrer um rio do que como cruzar fronteiras”.

O sistema ainda permite, acrescenta Dionéia, levantar os pontos que precisam ser mais bem trabalhados com cada aluno, o que é outro benefício fundamental. “Em qualquer etapa, a avaliação escolar não indica apenas se os alunos atendem às expectativas, mas se as expectativas estão sendo traçadas da maneira mais adequada”, diz a coordenadora do Sabin. Num processo que implica observar com base no que foi planejado, e planejar com base no que foi observado, quanto melhores as ferramentas de observação, melhor a atuação da escola.

Também o diálogo com as famílias ganhou com a proposta, observa Mônica. “Um dia antes das reuniões trimestrais, enviamos esses relatórios para os pais, e o *feedback* que eles nos trazem agora é bem mais assertivo, porque estão mais bem informados sobre a evolução de seus filhos”, diz a diretora.

¹ Os nomes dos alunos citados na matéria são fictícios.

Alunos do AB Sabin em atividades artísticas: eles podem não perceber, mas estão aprendendo e sendo avaliados o tempo inteiro.





É só uma fase

Na delicada relação entre pais e filhos adolescentes, diálogo, paciência e compreensão são palavras-chave.

“Nossos adolescentes atuais têm maus modos”, “desprezam a autoridade”, “são desrespeitosos com os adultos” e “propensos a ofender seus pais”. Poderia ser um diagnóstico feito nos dias de hoje por algum adulto impaciente, pouco compreensivo e um tanto ignorante sobre uma das fases mais delicadas do desenvolvimento humano, mas essas palavras foram ditas no século V a.C., na Grécia, por ninguém menos que Sócrates.

Laércio Carrer, coordenador pedagógico do Ensino Fundamental II do Colégio Albert Sabin, lê a citação com um sorriso no rosto. Não é de hoje, diz o sorriso do

coordenador, que o convívio entre gerações faz os adultos acreditarem – *equivocadamente* – que os “adolescentes atuais” são “mais difíceis” do que os de antes. “Na adolescência, há uma transição em marcha, uma ruptura entre o filho idealizado pelos pais e o filho real. Essa transição causa choques, envolve enfrentamentos, mas é normal e precisa ser encarada com tranquilidade”, diz Laércio. Para tanto, a escola pode auxiliar pais e filhos a compreender melhor essa fase, buscando atuar como parceira da família e, às vezes, como mediadora da relação.

“Alguns pais atribuem as mudanças de conduta e de personalidade pelas quais passam os filhos, na adolescência, a fatores externos – amizades, namoros, festas, internet, etc.”, diz Marcelo Amaral, orientador educacional do 8ª e 9ª anos. “É como se eles sentissem que os filhos continuariam os mesmos se alguém ou alguma coisa não tivesse interferido. Mas não é o caso: a mudança parte do próprio adolescente. A escola pode ajudar a família a compreender isso com mais clareza”.

De fato, adquirir novos interesses, gostos e hábitos, muitas vezes até contrários aos dos pais, é etapa normal do processo de construção da identidade e de aquisição da autonomia, como explicou o psiquiatra e psicanalista José Outeiral – referência nos estudos sobre adolescência, falecido em 2013 – no livro *Adolescer*. “Uma das tarefas centrais da adolescência é a ‘independização’. Para poder se ‘independizar’, ocorrerá, nesse momento, que o adolescente necessitará desvalorizar os pais, pois, assim, sentirá que se afasta sem perder muito”. Que ninguém se angustie, no entanto: “É necessário deixar claro”, continua Outeiral, “que esta não é uma ruptura com a família, mas sim a transformação de vínculos infantis de relacionamento por um outro tipo de vínculo mais maduro, mais independente e de maior tolerância (menor idealização) dos pais”. O trajeto para a idade adulta, dizia o psicanalista, pode ser agitado, mas conduz a águas mais serenas.

Para enfrentar o percurso, enquanto isso, as primeiras ferramentas à disposição dos pais são paciência e compreensão, inclusive com seus próprios sentimentos. “Assim como é normal o filho entrar em choque com a família, também é normal que os pais passem a se relacionar com o filho de outra forma”, diz Elaine Cristina Ramos, orientadora educacional do 6ª e do 7ª anos. “De repente, o filho ideal, a criança que era como um apêndice da família, pode se tornar um estranho. Mas é preciso reconhecê-la e respeitá-la como um indivíduo”.

Tal estranhamento não facilita o diálogo; a importância dada aos amigos, nessa fase, é justamente pelo encontro com o semelhante que já não há na família. “Não é incomum”, diz Laércio, “que os adolescentes desenvolvam mecanismos de defesa, passando a omitir informações ou mesmo contar pequenas mentiras”. Mas o coordenador afirma: desistir de dialogar não é solução. “Fechar o diálogo é sustentar o estranhamento”.

Até porque, garantem os especialistas, mesmo quando parece alheio, o adolescente ouve a família: “Os pais imaginam que os filhos não prestam atenção em suas palavras, não lhes dão ouvidos. Não é verdade”, afirmou o médico hebiatra (especializado em adoles-

cência) Maurício de Souza Lima, em entrevista ao médico Drauzio Varella. “Muitos [pacientes] já me disseram textualmente: ‘Sabe, na hora, eu lembrei de uma consulta, ou do que meu pai e minha mãe falam, e achei melhor não fazer aquilo’”.

Se palavras como essas tranquilizam, a escola também pode contribuir acompanhando pais e filhos no processo. Não para tomar o lugar da família, cobrando dos adolescentes determinadas regras de conduta que os pais desejam (“fique de olho na minha filha para ela não namorar” ou “não deixe meu filho beber”). Nem para assumir o papel de confidente dos adolescentes (“meu pai não pode saber”). Mas para ajudar ambos os lados a compreender o outro e fomentar um bom relacionamento.

Que ninguém se angustie: o trajeto para a idade adulta pode ser agitado, mas conduz a águas mais serenas.

Mergulhados na pesquisa

Nos estudos do meio, aprendizado e formação científica acontecem durante experiências transformadoras.

Bianca Alves Beppler nunca mais comeu peixe da mesma maneira. Antes, um peixe era somente um peixe, e a ideia de que aquele animal comprado em um supermercado podia representar a ponta de uma cadeia econômica da qual dependia uma comunidade inteira jamais cruzara a mente da jovem. Não que ela duvidasse do fato. Apenas que o pensamento nunca lhe havia ocorrido.

Mas isso era antes. Agora, Bianca havia estado lá. Em uma daquelas comunidades. Ela havia conversado com caixaras nascidos e criados no litoral, ensinados desde pequenos a respeitar o mar, o rio e o mangue de onde tiram seu sustento. Ela havia conhecido aquelas pessoas e as ajudado a puxar a rede de arrasto e escutado sobre suas vidas. Ela havia entrado na lama do mangue quase dos pés à cabeça, com siris passeando a seu lado. Ela havia aprendido – mais que isso, vivenciado na pele – uma ou duas lições sobre preservação ambiental e realidades socioeconômicas diferentes da sua.

E nada disso teria acontecido se ela não tivesse participado, no ano passado, da viagem à Ilha do Cardoso, em Cananeia (SP), com as turmas da 2ª série. A viagem é uma das duas saídas pedagógicas oferecidas pelo Sabin, todos os anos, aos alunos do Ensino Médio. A outra, com

alunos da 1ª série, é para o Parque Estadual Turístico do Alto Ribeira (Petar), no sul do Estado. Em ambos os casos, não se trata de simples passeios escolares. Como o depoimento de Bianca, hoje na 3ª série, deixa claro, além do componente pedagógico, as saídas representam experiências transformadoras. “Você adquire uma visão mais crítica, passa a enxergar os fatos com outros olhos”, diz Bianca. “Não tem como esquecer”.

No Sabin, as saídas pedagógicas não são exclusividade do Ensino Médio. Desde o Fundamental, os alunos têm a oportunidade de praticar estudos do meio – pesquisas interdisciplinares sobre alguma região, fora da escola. Embora todas envolvam, em maior ou menor grau, momentos de lazer e descontração, essas viagens não são chamadas de saídas *pedagógicas* por acaso: há tarefas a cumprir, anotações a serem feitas, aprendizados a ganhar.

É no Ensino Médio, porém, que os estudos do meio começam a se aproximar de trabalhos mais maduros, com um alto grau de preparação e rigor metodológico.

“O estudo do meio é uma proposta de pesquisa científica”, diz o professor de Geografia Augusto Ozorio, um dos responsáveis por coordenar as saídas pedagógicas

do Ensino Médio. Além do conteúdo estudado em si, Augusto argumenta que, nas viagens, os alunos aprendem, na prática, a metodologia da pesquisa científica, conhecimento essencial para a universidade. E a primeira lição? A pesquisa começa antes mesmo da viagem. “A viagem é a parte de coleta de dados em campo”. Antes de partir, diz o professor, os alunos precisam traçar um plano. “Quem eu devo entrevistar? Que perguntas devo fazer, para responder à minha pergunta-hipótese? Quais serão meus procedimentos de observação e registro? Devo fotografar, fazer anotações à mão, gravar em áudio?”

A preparação leva meses, a começar pela divisão das turmas em grupos, que neste ano aconteceu em março. Cada grupo ficou responsável por um tema, focado em uma disciplina, como “Diversidade vegetal no Petar” (Biologia) ou “Organização política e social das comunidades quilombolas e ribeirinhas” (Sociologia), na 1ª série, e “Valorização do Patrimônio Histórico” (História) ou “Formação do vocabulário da pesca” (Português), na 2ª série. Desde então, sob orientação dos professores, os grupos elaboraram seus projetos de pesquisa, com hipóteses, objetivos e justificativas, fizeram leituras prévias e se prepararam para as viagens, que acontecem em setembro. O produto final, apresentado em outubro, é um ensaio de apreciação, para a 1ª série, e um artigo científico, para a 2ª série.

O projeto vale nota para todos os alunos, embora a participação nas viagens não

seja obrigatória – os que ficam em São Paulo colaboram com os colegas de grupo nas pesquisas bibliográficas, nos experimentos em laboratório com material colhido *in loco* e na redação do ensaio ou artigo. Mas a nota não é o único nem o mais importante fruto dessa experiência.

“Os estudos do meio têm dois componentes: a informação e a formação”, diz a professora de Produção de Texto Denise Aparecida Masson. Segundo ela, a informação é tudo sobre o que os alunos estudam nas viagens, como as cavernas do Petar, as águas do estuário de Cananeia e seus organismos ou os impactos da presença humana no meio natural.

Já o aspecto formativo, explica Denise, toca mais fundo, diz respeito à experiência vivenciada: o relacionar-se com colegas e professores fora do ambiente escolar, o entrar em contato com realidades e pontos de vista diferentes dos seus, o expandir horizontes. “Essa formação não tem preço”, diz Denise. A professora de Química Marcela Andrade acrescenta, com um exemplo: “Quando vamos aos quilombos do Alto Ribeira, o sinal de celular se perde nos primeiros quilômetros. As casas são de pau-a-pique. Tudo é muito simples. Mas aí os alunos descobrem que aquelas pessoas vivem bem, são felizes. E, então, passam a questionar os conceitos de desenvolvimento e de felicidade. Eles não voltam os mesmos que foram”.

Os depoimentos de alunos que participaram das viagens em anos anteriores, colhidos por escrito pelos professores, corroboram: “Conheci pessoas que vivem de um modo completamente diferente do meu, e isso me deixou fascinada”, escreveu uma aluna da 1ª série, no ano passado. “O contato com a aldeia indígena foi, sem dúvida, uma lição de vida”, escreveu outro aluno.

Assim como foi uma lição, para Bianca, o contato com os habitantes da Ilha do Cardoso. “Pesquisar e ter uma visão geral de como é a vida em um lugar é uma coisa. Agora, perceber de verdade o quanto é importante o peixe para o caixara, ou o artesanato de barro para os artesãos, só estando lá mesmo”, diz a aluna. “Eu recomendo para qualquer um, recomendaria sempre”.



Bianca Beppler e sua turma da 2ª série, em visita ao mangue de Cananeia, no ano passado: eles não voltaram os mesmos.

Renovando ideias

Para se manter atualizados, professores participam de cursos de qualificação e formação continuada que refletem no trabalho em sala de aula.



O corpo ensina

A primeira ferramenta pedagógica à disposição da criança é o corpo. Antes de aprender a escrever da esquerda para a direita, é preciso que ela identifique esquerda e direita em si mesma. Antes de estruturar o mundo em formas e volumes, e em passado, presente e futuro, é preciso que ela explore as dimensões e potencialidades do próprio corpo e a sequência de acontecimentos vividos. "O corpo precisa viver e experimentar para haver amadurecimento neurofuncional", diz **Andrea Silva**, orientadora educacional da Educação Infantil e do Fundamental I, que acaba de concluir uma pós-graduação pelo Grupo de Atividades Especializadas do Instituto Superior de Psicomotricidade e Educação (ISPE-GAE), entidade que representa, no Brasil, a Organização Internacional de Psicomotricidade e Relaxação. "Fundamentada na Neurociência, a Psicomotricidade é uma ciência que está presente nas escolas de diversos países, como França e Itália, devido à sua importância para a compreensão de como acontece a aquisição de habilidades físicas, cognitivas e emocionais", diz Andrea. A Educação Psicomotora faz parte da Educação Infantil e do 1º ano do Fundamental do Sabin, não apenas como disciplina em si, mas como conteúdo transdisciplinar que ajuda a fundamentar todo o plano pedagógico do Colégio. Por isso, as psicomotricistas Cláudia Galvani e Camila Costa prepararam um curso de atualização do qual participam as equipes de Educação Infantil do Sabin e do AB Sabin, incluindo professoras regentes, especialistas e profissionais da Coordenação e da Direção de ambos os colégios. "A ideia foi resgatar a fundamentação teórica e promover vários experimentos corporais práticos, visando trabalhar cada eixo da Psicomotricidade, o que é essenciais para uma aprendizagem mais tranquila", diz Andrea. Ao todo, o curso abrangerá quatro encontros, o último deles em novembro.

Brincar com as palavras

Que o aprendizado da escrita seja tão prazeroso para a criança quanto encantador para o professor. Esse é um dos objetivos, segundo **Karla Ramos**, orientadora educacional da Educação Infantil e do Fundamental I, de introduzir o elemento lúdico no processo de alfabetização. Para pensar o processo e trocar experiências, Karla participou de um grupo de estudos organizado pelo Colégio Santo Américo sobre "A aquisição da linguagem escrita inserida em uma Educação Infantil que valoriza o brincar". Entre março e junho, Karla conheceu interessantes atividades lúdicas que poderão ser adotadas no Sabin, além de confirmar que o que o Colégio já faz está alinhado com o conhecimento discutido pelo grupo. "Fiquei feliz porque nos indicou que estamos no caminho certo", diz. Como exemplo, ela cita o trabalho com o Pré II, que começa a relacionar grafemas (o desenho da letra) com fonemas (o som da letra). "O Sabin não trabalha com famílias silábicas há anos. Preferimos atividades que contextualizam a escrita, a partir de palavras estáveis", diz, referindo-se às primeiras palavras que a criança memoriza, como seus nomes, palavras do cotidiano, como "pátio" e "piscina", e palavras trabalhadas nos livros didáticos. Assim, como o Pré II estuda aves brasileiras, aprender TU-cano faz mais sentido do que decorar TA-TE-TI-TO-TU. "E as palavras estáveis se prestam a boas brincadeiras, como o bingo de nomes". Entre as novas ideias a que Karla foi apresentada no grupo, ela cita um teatro de fantoches e a confecção de "bancos de palavras" (termos que podem substituir outros), para enriquecer as primeiras histórias produzidas pelos pequenos escritores.



TUcano

A construção do texto

"Em geral, a escola no Brasil deixou de lado aspectos teóricos da Produção Textual que influenciam o modo como o professor ensina e o aluno aprende a escrever". A avaliação é de **Denise Aparecida Masson**, assessora de Língua Portuguesa do Sabin. Desde março, Denise, que tem doutorado em Semiótica e Linguística Geral pela USP, ministra um curso para as professoras do 3º, 4º e 5º anos, para aprofundar fundamentos teóricos e discutir boas práticas no trabalho com a produção de textos. O curso representa uma reflexão sobre o planejamento pedagógico referente à Produção de Texto. "Até o 5º ano, o trabalho é em torno de gêneros textuais: contos, notícias, poemas, etc. A partir do 6º, trabalhamos com tipologias textuais: narração, descrição e dissertação. Sentimos que era preciso aproximar um pouco esses conteúdos". A questão é que, estruturalmente, tanto um conto como uma notícia utilizam narração. Já um ensaio ou um artigo de opinião se constroem como dissertações. Para ensinar a escrever, não basta apresentar as convenções de gêneros, é preciso exercitar "os eixos de organização do pensamento por meio da escrita: narrativo, descritivo e argumentativo". "Enquanto o trabalho com gêneros é 'para fora' do texto – sua função e contexto social –, o trabalho com tipologias é 'para dentro', preocupa-se mais com a construção estrutural do texto", diz Denise, que, com o curso, discute com as professoras a importância de encontrar um equilíbrio entre as duas abordagens.

Novas ideias para a Matemática

Planejar, executar, refletir sobre o que foi feito e o que se pode fazer melhor, à luz de novos conhecimentos e pesquisas. Repetir o processo. Desde 2011, a equipe de Matemática do Fundamental II e do Ensino Médio vem se beneficiando desse procedimento, em encontros periódicos com o matemático Antonio Carlos Brolezzi, mestre e doutor em Educação e professor do Instituto de Matemática e Estatística da USP. Segundo o assessor **Dalson Graça**, a consultoria do professor Brolezzi proporciona à equipe uma visão externa de peso sobre os métodos adotados no Colégio para o ensino da Matemática, além de novas ideias a serem aplicadas em sala de aula.

"Há quase cinco anos, o professor Brolezzi nos ajuda a refinar nosso trabalho por meio da reflexão constante", diz Dalson. "Em nossos encontros, estudamos como fazer boas perguntas nas avaliações, como os livros adotados ajudam a desenvolver as competências matemáticas necessárias, como utilizar dobraduras para a demonstração de teoremas, como filmes e sites podem complementar o trabalho, entre muitos outros exemplos". A lista de benefícios é imensa e variada, mas todos têm como princípio a busca do Sabin por se manter sempre atualizado e atento às diversas tendências e tecnologias pedagógicas.



Atualizando o conhecimento do Inglês

Há mais de 100 anos testando alunos no domínio do Inglês, a Universidade de Cambridge fez, recentemente, algumas mudanças em seus exames de certificação de proficiência do idioma. Para preparar com mais qualidade nossos candidatos (e atualizar conhecimentos), parte da equipe de Inglês iniciou, em fevereiro, um curso da Seven Idiomas – em grupo exclusivo para os professores do Sabin, focando nossas necessidades e rotina. Segundo Denise Araújo, coordenadora de Inglês, o curso oferece "aprofundamento nas diferenças entre o exame de Cambridge antigo e o atual, além de revisar técnicas e dinâmicas para professores de alunos *teens*". De acordo com a professora **Alexandra Freitas**, os exames de Cambridge

passaram por mudanças em todos os *papers*, desde alterações simples, como uma nova distribuição de tempo nos exames orais e a união dos exames de leitura e de uso do Inglês em um só *paper*, a outras maiores, como a substituição de alguns modelos de redação solicitados. "Agora os alunos devem escrever um *essay* (ensaio) na prova, não mais uma carta ou *e-mail*", diz Alexandra, que avalia: "Hoje, os candidatos são mais jovens e mais expostos à língua inglesa. A forma como a língua é ensinada também precisa ser muito mais dinâmica. Na opinião da equipe, o novo modelo de exames ficou mais justo, mais direto e mais comunicativo".



Na ponta da língua

Certificados por Cambridge, ex-alunos conquistam sonho de estudar no exterior sem dificuldades.

O ano de 2013 foi de conquistas para Pedro Ernesto Ferreira. Ele passou em dois vestibulares – Ciências Sociais, na USP, e Irrigação e Drenagem, no Instituto Federal do Ceará – e levou o prêmio de melhor ator do VII Festival Sabin de Teatro. Como se não bastasse, seu desempenho impressionou em outro tipo de palco: naquele ano, Pedro prestou as provas para aquisição do certificado CPE (*Certificate of Proficiency in English*), da Universidade de Cambridge, e foi aprovado com nota máxima.

Se alcançar o CPE é feito raro para alunos do Ensino Médio – é o exame de nível mais avançado entre os oferecidos pela instituição –, a conquista dos outros dois certificados já se tornou comum entre os alunos do Sabin. Além do CPE, há o FCE (*First Certificate in English*), de nível intermediário-avançado, e o CAE (*Certificate in Advanced English*), de nível avançado, ambos reconhecidos por instituições de ensino, empresas e órgãos governamentais dentro e fora do Brasil. Atestando fluência na língua inglesa, na prática os certificados funcionam como passaporte para quem quer estudar no exterior. Daí interessarem aos concluintes.

É o caso de Raphael Corradini, que está voltando ao Brasil depois de onze meses em Edimburgo, capital da Escócia. Participante do programa Ciência sem Fronteiras, ele estudou na Edinburgh Napier University e agora vai concluir o curso de Engenharia Civil, na Unicamp. “Os certificados foram importantes na minha carta de apresentação à universidade escocesa”, diz. Corradini foi aluno do Sabin do Maternal ao Ensino Médio. Um ano antes de prestar o vestibular, já tinha o FCE e o CAE. E, com o inglês que aprendeu no Colégio, garante ter acompanhado sem problemas as aulas no exterior.

Para Gustavo Tiguman, os exames de Cambridge também serviram de treino para o Toefl (*Test of English as Foreign Language*), teste da norte-americana ETS (*Educational Testing Services*). Além do FCE e do CAE, ele precisou do Toefl para entrar na De Montfort University, em Leicester, Inglaterra, onde estudou por um ano. “Não tive de fazer preparação extra, o inglês do Sabin bastou”, diz ele, que está concluindo a graduação em Farmácia e Bioquímica na USP.

“Os alunos do Sabin têm quase 100% de aprovação”, diz Alyne Giannoccaro, representante da Winner Idiomas, centro autorizado por Cambridge para aplicação dos exames em São Paulo. Segundo Alyne, são duas as razões para esse desempenho: a qualidade do curso regular de inglês do Sabin e o trabalho específico de preparação para as provas. “Conhecendo o formato e a estrutura dos exames de antemão, os alunos chegam prontos e seguros”, diz.

“O Sabin ajudou, principalmente, pela facilidade de conciliar os estudos regulares com um curso de inglês no mesmo lugar”, diz Cibele Massardi, que fez o Ensino Médio no Colégio. Certificada com o FCE, ela chegou há pouco em Bristol, na Inglaterra, onde vai cursar Arquitetura na University of the West of England. Em agosto, estava na correria para arrumar as coisas em sua nova cidade e começar a graduação com o pé direito e o inglês afiado.



Liberdade artística

Aluna do 9º ano fala sobre o prazer de participar da Oficina de Arte.

Ana Beatriz de Aquino é uma entrevistada de poucas palavras. Talvez ela prefira se expressar por imagens. Aluna do 9º ano C do Fundamental, Ana cursa a Oficina de Arte, modalidade cultural oferecida pelo Programa Sabin+Esportes&Cultura em que, segundo conta, sente-se livre. De veia artística evidente – além da Oficina, ela participa do grupo de Teatro –, a jovem diz considerar a carreira de animadora de curtas-metragens, embora saiba que ainda é cedo para definições. O que parece certo é que seu caminho profissional passe, de alguma forma, pelo campo da Arte. Um campo que, com a ajuda do Sabin, Ana tem visitado cada vez mais, para exercitar seu talento e suas técnicas.

Por que quis fazer a Oficina de Arte?

O Teatro foi um dos motivos. A galera da Oficina constrói a maioria dos cenários das peças e das apresentações em geral do Colégio. Mas sempre gostei de Arte. A aula de Educação Artística é minha favorita. É bem mais flexível do que Matemática, por exemplo. Você não fica “presa”, não tem um jeito certo e um jeito errado de fazer Arte.

Que tipo de Arte mais lhe agrada?

Gosto do grafite. Nunca pintei muros, mas já ajudei uma amiga a pintar a parede do quarto dela com tinta spray. A gente pintou uns triângulos, foi sobrepondo cores, ficou legal. Mas, no geral, desenho em folha de papel mesmo, com canetas hidrográficas. O bom do [estilo] grafite é porque é bem moderno, não é preso a formas: você escolhe uma palavra e vai desenhando, e quem vê tem de fazer um esforço para entender qual é a palavra.

Como é uma aula da Oficina de Arte?

No começo do ano, as professoras Cris [Ferreira] e Roberta [Moretti] falam das propostas que vamos trabalhar: xilogravura, máscaras, esculturas... A diferença [em relação às aulas regulares] é que elas não pegam o trabalho e avaliam tanto se está bonito, se seguiu a proposta. É mais livre. Mas elas dão toques, a gente pergunta. E a gente também aprende as técnicas vendo outras pessoas trabalharem. Isso é o mais importante: você aprende bastante. Eu sinto que já evolui muito.

De onde você tira inspiração para criar alguns de seus trabalhos?

Costumo procurar obras na internet para me inspirar. Recentemente, descobri o trabalho do Klimt [Gustav Klimt, 1862-1918, pintor simbolista austríaco] pelo Tumblr [plataforma para blog muito usada para publicação de imagens]. Gostei muito.

O que é Arte para você?

As pessoas fazem Arte um pouco para fugir do cotidiano – a não ser que você seja um pintor, aí seu cotidiano é fazer Arte [risos]. Ai! Não sei... Arte é o inexplicável que você coloca no papel.



Cibele Massardi, que acabou de chegar à Inglaterra, e Gustavo Tiguman e Raphael Corradini, que já voltaram: o Inglês do Sabin abriu portas.

O que para uns é lixo, para nós é oportunidade.

Alunos do Projeto Voluntariado ao lado de D. Heloísa, presidente da Cooperativa Recicla Butantã.

Aulas de solidariedade

Como a mãe de uma inspetora do Sabin encontrou esperança para si e para muitos na reciclagem.

Ela não sabe ler nem escrever. Mas é uma excelente professora. Já ensinou muita gente, dezenas de pessoas. A maioria como ela, que numa determinada quadra da vida se encontrava numa situação difícil e só precisava de uma chance para recomeçar.

Heloísa Vieira dos Santos, 58 anos, não imaginava como a sua história mudaria quando, há 16 anos, cruzou o portão de uma cooperativa de reciclagem de lixo vizinha à sua casa. Estava desempregada, era mãe de oito filhos e precisava desesperadamente encontrar uma maneira de sobreviver. Ela lembra que chegou ao lugar em dúvida. “Pensava que essa história de mexer com lixo não era pra mim, que não iria dar certo”.

Como não tinha alternativa à mão, resolveu tentar. Começou aprendendo a separar o lixo, depois a operar as esteiras e, em seguida, a prensa. Logo dominava o funcionamento do lugar. Quando se deu conta, estava fazendo o mesmo que haviam feito por ela: recebendo os novatos e ensinando a eles os segredos do trabalho. Hoje é presidente da Cooperativa Recicla Butantã, localizada no Jardim Ester, periferia da zona oeste de São Paulo.

A entidade reúne 18 cooperados e processa cerca de 15 toneladas de lixo por mês, parte dele doada pelo Colégio Albert Sabin. “Não sou alfabetizada, mas sou esperta, ninguém me engana”, garante Dona Heloísa. “Sei fazer conta, controlo os caminhões que chegam com o lixo e sou eu que

assino o cheque do pessoal”. O orgulho por administrar de maneira eficiente a cooperativa só não é maior do que a felicidade que a gratidão dos que ajuda lhe proporciona. “Muitos que vêm bater à nossa porta têm problemas com bebida, com droga. E tudo de que eles precisam é de uma oportunidade”.

É o que encontram ali. Dona Heloísa conta que, nos casos de dependência, além de conseguir um trabalho na cooperativa, a pessoa é encaminhada a uma clínica conveniada para tratamento. “O resultado é que formamos uma grande família”. Aliás, família numerosa é com ela. Além dos 18 cooperados, ela tem 30 netos e 7 bisnetos. Para todos, é um exemplo. “Minha mãe é uma batalhadora”, diz Carla Vieira dos Santos, inspetora de alunos do Sabin e filha de Dona Heloísa. A trajetória de Carla teve como inspiração a da mãe. Ela entrou no Sabin como faxineira, estudou até completar o Ensino Médio, prestou vestibular e, hoje, cursa o segundo semestre do curso de Pedagogia. Foi Carla quem colocou o Sabin na rota da Recicla Butantã, ao comentar no Colégio sobre o trabalho de sua mãe.

Além de colaborarem com a coleta e doação do lixo reciclado, alunos do Projeto Voluntariado do Programa Sabin+Esportes&Cultura costumam visitar a Recicla Butantã para, mais do que lições de reciclagem, aprenderem lições de solidariedade com Heloísa.

Conhecendo a Biblioteca do Sabin

19 mil TÍTULOS

27 mil EXEMPLARES

600 DVDs
30 REVISTAS (assinaturas)
400 CDs
1 JORNAL (assinatura: O Estado de S. Paulo)

SUCESOS DE PÚBLICO
Alguns dos livros, coleções e autores mais retirados pelos alunos:

¹ Segundo a bibliotecária Ângela Rocha de Macedo.

Até 6 anos
Coleção O Mundinho
Ilan Brenman

7 anos
Coleção Bruxa Onilda
Coleção Sítio do Pica-Pau Amarelo
Coleção Turma da Mônica
Ruth Rocha
Ziraldo

8 e 9 anos
Coleção A Casa da Árvore Mágica
Coleção Clube da Tiara
Coleção Geronimo Stilton
Coleção Go Girl
Coleção Salve-se Quem Puder
Ana Maria Machado

10 e 11 anos
Coleção Querido Diário Otário
Coleção Carol e o Homem do Terno Branco
Coleção Como Treinar Seu Dragão
Coleção Judy Moody
Coleção Harry Potter
Coleção Percy Jackson

12 anos
Coleção Sherlock Holmes
Pedro Bandeira

A partir dos 12 anos, segundo Ângela, os interesses literários dos jovens tornam-se mais diversificados.

PRINCIPAIS USUÁRIOS²

77%



Fund. I (1º ao 5º ano)

17%



Ed. Infantil

3%



Fund. II (6º ao 9º ano)

1%



Ensino Médio

1%



Outros usuários

Em um ano, foram realizados **24.480 empréstimos²**

² Dados de 2014.

Bibliotecária

Auxiliar de Biblioteca

Aprendiz

Você sabia?

Nosso acervo é organizado, em parte, pelo sistema de Classificação Decimal de Dewey (CDD), criado pelo americano Melvil Dewey, em 1876, e adotado no mundo inteiro. O CDD classifica todo o conhecimento humano em um sistema hierárquico e decimal: são 10 classes principais, cada uma dividida em 10 subclasses, e assim por diante.

10 classes do conhecimento:

- 000 Generalidades
- 100 Filosofia
- 200 Religião
- 300 Ciências Sociais
- 400 Línguas
- 500 Ciências Naturais
- 600 Tecnologia
- 700 Artes
- 800 Literatura
- 900 Geografia e História

Entre obras de Literatura (800):

- 800 Obras gerais sobre Literatura
- 810 Literatura Estadunidense
- 820 Literatura Inglesa
- 830 Literatura Alemã, etc.

Entre obras de Literatura Inglesa (820):

- 820 Obras gerais sobre Lit. Inglesa
 - 821 Poesia Inglesa
 - 822 Teatro Inglês
 - 823 Ficção Inglesa, etc.
- Em uma biblioteca CDD, uma obra de Shakespeare, p. ex., recebe o código 822.33 (o primeiro 3 refere-se ao Teatro Elisabetano, o segundo 3, a Shakespeare).

Válvula de escape para a intolerância

Segundo o dicionário, intolerância significa a “tendência a não suportar ou condenar o que desagrade nas opiniões e atitudes alheias”. Ferramenta de pesquisa e comunicação, a internet intensifica a difusão de teses e opiniões distintas. Nesse ambiente, beneficiados pela coletividade e pelo anonimato, aqueles que desejam impor sua própria opinião se sentem no direito de humilhar, ofender e excluir.

Faz parte da natureza humana a busca por um conjunto de pessoas com as mesmas opiniões, o que provoca nos indivíduos uma sensação de maior conforto para expressar suas ideias. Essa procura é facilitada pela *web*, uma vez que

a ferramenta possibilita o contato, em maior escala, entre internautas com o mesmo ponto de vista. No entanto, como consequência do coletivismo, há a intensificação da exclusão social, haja vista que os grupos tendem a oprimir aqueles que manifestam pensamentos contraditórios. Como argumento para justificar posicionamentos, muitas vezes, preconceituosos e conservadores, é utilizado o conceito de liberdade de expressão – todos os indivíduos têm o direito de expressar pensamentos, por meio de qualquer meio de comunicação, sem que sejam recriminados.

O sociólogo polonês Zygmunt Bauman, em sua obra *Em Busca da Política*, caracteriza o mundo contemporâneo como “um recipiente cheio até a borda de medo e frustração”, sentimentos que, segundo o autor, “buscam, desesperadamente, válvulas de escape”. Sendo a internet um desses mecanismos de fuga, idealiza-se nela um local de refúgio, onde é possível expor sentimentos e queixas em relação à sociedade.

O anonimato é mais um dos fatores que intensificam a intolerância. Por estar, de certa forma, protegido atrás de uma espécie de “máscara virtual”, o indivíduo se sente seguro para expressar qualquer tipo de comentário agressivo. Ao fazer parte de um ambiente democrático e, de certa forma, anarquizado, internautas se sentem no direito de fazer justiça com as próprias mãos. As denominadas “patrulhas morais” da internet tendem a utilizar esse método irracional para oprimir aqueles com princípios discrepantes. Atritos podem se desenvolver com mais facilidade e rapidez em um mundo globalizado em que a oposição de ideias predomina.

Desse modo, é preciso criar leis ou limites para os usuários da rede, de forma a impedir que casos mais graves de agressão moral, preconceito e ameaças virtuais ocorram.



Luiza Mastrullo, Bruna Albalá, Murilo Ohl, Fernanda Keler, João Victor Marques, Aline Taveira e Thais Andrade, alunos da 1ª série

“Beneficiados pelo anonimato, indivíduos se sentem no direito de humilhar, ofender e excluir.”

É preciso usar a internet com sabedoria

Hoje em dia, a internet é de uso cada vez mais comum pela população. Com isso, vêm prós e contras, em meio a diversas discussões sobre liberdade de expressão *on-line*. Um exemplo de discordância pouco cordial ocorreu entre o pastor Silas Malafaia e o jornalista Ricardo Boechat, em junho deste ano. Uma discussão entre os dois dominou o Twitter e demais redes sociais, gerando uma onda de repercussão entre seus respectivos seguidores. A história ganhou tamanha força que o jornalista acabou por xingar o pastor, em rede nacional, durante seu programa de rádio. Ou seja, uma desavença iniciada na internet foi parar em um veículo tradicional de mídia.

Por outro lado, na internet também há fóruns de discussão que, ao abrirem espaço para o diálogo sobre temas polêmicos, conseguem expandir a visão de quem achava que sua opinião era a única certa. Um exemplo de espaço positivo de troca de ideias é o fórum Observatório Político Brasileiro (<http://observatoriopoliticobrasileiro.ning.com/>), no qual se debatem diferentes correntes políticas.

A internet é uma extensão da vida real, não uma “realidade alternativa”. Não se deve dizer na *web* o que não deveria ser dito presencialmente, apesar da falsa sensação de anonimato. Nela, é necessário o mesmo filtro usado nas relações pessoais: educação, respeito, tolerância, etc. A internet vem para ampliar os horizontes, não os diminuir, e inúmeros *sites* são acessados, todos os dias, por pessoas que querem se aprofundar em assuntos diversos, além de discutir sadicamente sobre eles.

O grande problema é que a intolerância costuma gerar uma repercussão muito maior que a tolerância. É o mesmo problema que ocorre no dia a dia, em que uma

boa ação costuma parecer insignificante perante uma discussão ou fato trágico.

A *web* proporciona inúmeras ferramentas que permitem a interação entre diferentes culturas e opiniões. Seu uso torna a interação quase obrigatória. Sendo assim, apesar de abrir espaço para a intolerância, a internet tem o potencial de gerar muito mais discussões saudáveis do que desentendimentos. É preciso apenas usá-la com sabedoria. É preciso a mesma tolerância recomendada às discussões pessoais, com o intuito de ampliar horizontes e questionar pontos de vista.



Guilherme Molinari, aluno da 1ª série do Ensino Médio

“A internet amplia horizontes. Mas a intolerância costuma gerar repercussão maior.”

História de inclusão

Entidade ajuda jovens com deficiência a serem acolhidos pelo mundo do trabalho.

Em 2010, a Relação Anual de Informações Sociais do Ministério do Trabalho e Emprego trazia um dado sobre o mercado em Osasco (SP). Todas as pessoas com deficiência, contratadas como aprendizes pelas empresas do município, vinham de um mesmo lugar: a **Associação Pestalozzi Osasco**. Cinco anos depois, o quadro é, provavelmente, o mesmo.

“Não temos dados atualizados, mas até hoje nenhuma outra organização da região tem programa de aprendizagem para inclusão profissional de pessoas com deficiência intelectual”, informa Márcia Soléra, gestora executiva da Pestalozzi Osasco. Se, por um lado, o fato indica uma carência, por outro, atesta o reconhecimento que a Associação conquistou em 33 anos de atuação.

A entidade foi fundada por Agatha Maria d’Angelo, que, em 1982, se uniu a um grupo de senhoras que faziam assistencialismo voluntário em Osasco para montar uma associação ligada ao movimento pestalozziano. Inspirado na obra do suíço Johann Pestalozzi (1746-1827), que pregava uma pedagogia democrática, voltada a todas as crianças e excluídos sociais, o movimento chegou ao Brasil

em 1926, com foco em jovens com deficiência intelectual. Conta, hoje, com associações em todo o País.

Entre as voluntárias que se uniram à Dona Agatha estava Dona Celeste, mãe de Márcia Soléra. Márcia tinha se formado em Psicologia, foi contratada por breve período, mas achou que era cedo: “Tinha clareza do quanto ainda precisava estudar”. Saiu em 1986 e só voltaria em 2001, mas sempre esteve envolvida com a questão da deficiência, devido à ligação pessoal com a Associação e à atividade profissional. Nesse tempo, acompanhou a evolução do tema, da perspectiva integracionista dos anos 1960 para a da inclusão, a partir dos anos 2000. “A integração prepara a pessoa com deficiência para se adequar à sociedade. A inclusão também prepara a sociedade para se adequar à pessoa”.

É um dos méritos da Pestalozzi Osasco, que ajuda cerca de 120 jovens e adultos, a partir de 14 anos, a serem acolhidos pelo mundo do trabalho, conceito que vai além da formação profissionalizante.

A entidade oferece cursos em Acabamento Gráfico e em Logística, certificados pelo Ministério do Trabalho no âmbito da Lei da Aprendizagem¹. Além de conteúdos relativos às profissões, os cursos ensinam conteúdos gerais, como política do trabalho, cidadania, Língua Portuguesa e Matemática. Nas paredes da Associação, cartazes confeccionados pelos alunos reforçam aprendizados como pegar ônibus, receber salário, sacar dinheiro. “O mundo do trabalho é a forma como a sociedade se organiza, participar dele com autonomia é participar da sociedade”, diz Márcia. São oferecidas ainda oficinas diversas como reciclagem de papel, confecção artesanal de produtos de papel e horticultura.

Além dos cursos e oficinas, a Associação presta assessoria às empresas conveniadas, apoio psicossocial às famílias e palestras a interessados. Porque, para a inclusão acontecer de verdade, todos – pessoas com deficiência, empregadores, familiares e sociedade em geral – têm lições a aprender.

Associação Pestalozzi Osasco

Rua Dionísio Bizarro,
415, Jardim Ester
– Osasco – SP
(011) 3682.2158

www.pestalozziosasco.org.br
info@pestalozziosasco.org.br

¹ O aprendiz estuda e trabalha. O contrato garante carteira assinada, salário mínimo e direitos trabalhistas e previdenciários. Recebe sua formação na empresa e em instituição de ensino técnico conveniada.

